

LINGUAGEM LITERÁRIA COMO MEDIADORA DA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA SOBRE MATRIMÔNIO EM ORGULHO E PRECONCEITO

NELSON FONSECA PINTO¹; LIZ CRISTIANE DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – nelsonfonseca0606@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lizcdias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em uma perspectiva geográfica social, o presente trabalho tem como foco as análises realizadas no decorrer da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Literatura de ficção no Ensino de Geografia: uma abordagem geográfica sobre sociedade e cultura na obra Orgulho e Preconceito, de Jane Austen”, de autoria própria, onde ocorreu uma análise do romance destacando questões de gênero no início do século XIX, focando-se nas questões matrimoniais no presente artigo.

Como área do conhecimento, a Geografia apresenta diferentes faces e ópticas, podendo ser estudada e pesquisada em diversos assuntos específicos, podendo variar entre aspectos físicos, humanos ou a mescla de ambos. Além de situar o sujeito em sua orientação geográfica, também pode-se estudar aspectos culturais e sociais do comportamento humano, podendo assim identificar problemas e apontar soluções, seja para a sociedade ou para o ambiente (fauna e flora).

Castellar (2019) diz que a geografia cumpre uma função social decisiva, onde um conhecimento possibilita compreender a realidade a partir dos lugares onde se vive, evidenciando assim a importância de trabalhar os diferentes aspectos desta área do conhecimento com metodologias alternativas. A Geografia cria a oportunidade de romper o modo de ensino clássico, se utilizando de ferramentas fora do convencional e podendo focar em um lado social, visto que a Geografia também trabalha com as ações e comportamentos humanos. As alternativas possíveis de serem utilizadas como ensino e aprendizagem geográfica surgem através de diferentes linguagens, podendo ser dos jogos, cinema, música e literatura, sendo esta última o foco deste artigo.

Moraes e Callai (2012) afirmam que “a Literatura dá forma concreta a sentimentos, dilemas criados pela imaginação, ou seja, o poder imagético tem papel fundamental, pois tornam reais os sonhos, as angústias”. Com isso temos a perspectiva que a leitura de materiais literários, mesmo os ficcionais, podem ser utilizados como fonte mediadora da Geografia através do poder da imaginação do leitor.

O presente artigo reflete sobre o papel do casamento entre os personagens do romance Orgulho e Preconceito (1813), sendo focado em suas motivações e impactos na atual sociedade.

Assim, o presente texto busca responder a seguinte questão norteadora: qual a contribuição que a linguagem literária exerce sobre o conhecimento geográfico?

2. METODOLOGIA

A pesquisa se deu através de análise bibliográfica, centrada na análise do romance *Orgulho e Preconceito* (1813), da autora inglesa Jane Austen (1775-1817), realizando um levantamento e discussão das principais problematizações realizadas propositalmente pela autora, que visava transmitir em suas obras questões por ela observadas de sua sociedade, usando sua imaginação e criatividade para destacar determinadas situações, usando a ironia como a sua principal arma de questionamento.

Alguns dos apontamentos destacados na obra através da trama dos personagens fictícios e que serviram como base para a pesquisa circundam entre situações sociais e culturais, onde a relação de matrimônio se torna o tema do presente texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O casamento é a principal marca que Jane Austen deixa em seus romances. Ele está constantemente presente nas obras e todas as tramas circundam esse eixo principal. Mas até mesmo o próprio casamento é algo a ser debatido pela sua motivação, visto que ele não é retratado como um “conto de fadas”, mas sim uma necessidade imposta para as pessoas.

A trama de *Orgulho e Preconceito* circula a família Bennet, cuja se constitui pelo Mr. e Mrs. Bennet e as cinco filhas do casal. O fato das jovens (que variam de quatorze a vinte e um anos) serem todas mulheres faz com que a família não tenha um herdeiro direto dos bens após a morte de Mr. Bennet, o que deixa suas filhas e esposa com a incerteza do futuro. Isso se dá pelo fato de quando detentor das riquezas da família morrer, a herança deve ser recebida pelo parente homem mais próximo e mais velho, no caso o sobrinho do Mr. Bennet, Mr. Collins, descrito como um clérigo grosseiro e inconveniente. E dependeria dele e de sua boa vontade não deixar as cinco irmãs e a Mrs. Bennet passarem por necessidades.

Segundo Cabral e Pereira (2018) a religiosidade no início do século XIX era predominante entre as famílias, sobretudo o catolicismo, onde os membros, principalmente as mulheres, eram construídas no modelo bíblico. Além disso, os estudiosos iluministas (filósofos) destacavam as diferenças dos gêneros e, com base nisso, estabeleceram papéis, lugares e posturas de cada sexo que confinavam as mulheres ao âmbito privado (CAMPOI, 2011).

As mulheres de forma geral eram impedidas pela própria sociedade de terem sua independência financeira por meio da rejeição e julgamento. Uma mulher independente era vista com maus olhos e conseqüentemente rejeitada pela sociedade. As mulheres poderiam trabalhar, mas jamais deveriam ganhar mais que seus maridos ou homens de sua família. Cabral e Pereira (2018) afirmam que antes de ser uma mulher erudita e compondo obras ou participasse de debates intelectuais da época o principal trabalho feminino era ser boa mãe e companheira, sendo assim o estudo lapidaria o comportamento da mulher para, em seguida, servir ao marido.

O casamento presente no romance se torna uma forma de independência feminina, garantindo a elas a segurança financeira para terem, além de conforto, um teto para viverem. Um exemplo dessa necessidade é a personagem Charlotte Lucas, uma mulher solteira aos vinte e sete anos, idade considerada avançada na época para uma mulher chegar ao matrimônio. Ela aceita o pedido de casamento de Ms. Collins, mesmo que sem nutrir afeto por ele. Segundo ela:

Não sou romântica, você sabe; nunca fui. Peço apenas um lar confortável; e, considerando o caráter de Mr. Collins, seus relacionamentos e sua posição na vida, estou convencida de que minha oportunidade de ser feliz com ele é tão clara quanto as pessoas podem se gabar ao adentrar no estado marital. (AUSTEN; 1813, edição 2018, p. 153).

O casamento para os homens também se faz imprescindível, mas de forma distinta. O matrimônio traz respeito social para a figura masculina, como assim se recomendava. Se um homem em idade madura for solteiro, as pessoas logo concluem que existe algo duvidoso sobre a sua moral, colocando em cheque sua integridade social. Além disso, o casamento pode ser vantajoso pelo dote cedido pelos pais da noiva e alianças de negócios entre ambas as famílias, podendo significar a diferença entre a falência e bons frutos financeiros. Assim, para os homens do período e região de Austen, era de grande validade a união de um casal, além, é claro, dos sentimentos puros de amor.

Austen explora em *Orgulho e Preconceito* as variadas buscas pelo matrimônio, sendo por amor, ambição, segurança e até mesmo a indiferença para com ele. Temos a união de casais pelo real sentimento de paixão, mas as necessidades do casamento não são mascaradas, dependendo do leitor observar nas entrelinhas e se questionar sobre a motivação por trás dos atos dos personagens.

4. CONCLUSÕES

Orgulho e Preconceito pode parecer à primeira vista um romance melodramático conservador e convencional comuns a época de sua autora, mas com escrita e construção inteligente, temos na obra uma representação de uma realidade que vemos ainda na atualidade, onde mesmo com os avanços de assuntos sociais ao redor do mundo nas últimas décadas, ainda temos fortes resquícios desse conservadorismo em nossa realidade, como assuntos de comportamentos e expectativas.

Na perspectiva de Zardini (2013), Austen nos proporciona interpretações que podem oscilar entre liberalismo e/ou conservadorismo, oferecendo um panorama para que seus leitores examinem e possam questionar as instituições e não destruí-las, sendo elas a família, religião, trabalho, encontrando um ponto de equilíbrio entre liberalismo e conservadorismo, pois confirma a importância da família tradicional em mundo em mudança, mas sempre incorporando algo novo. Dias (2015) diz que *Orgulho e Preconceito* investiga o casamento como um verdadeiro laboratório de relações humanas, onde de fato vemos como o casamento era central em sua sociedade.

Na atualidade do mundo real, questões retratadas no livro podem ser observadas em seus resquícios, como a pressão social pelo casamento, a geração de filhos, salários inferiores para as mulheres e a visão ultrapassada de que o homem deve conquistar o bem financeiro do lar enquanto a mulher cuida deste. Podemos perceber que os estereótipos foram ao longo dos anos perpassando o tempo junto às gerações, e se instaurando nas vidas da sociedade (CORREIA, 2018).

A literatura permite uma grande variedade de temáticas que podem ser trabalhadas geograficamente, além de uma abrangente metodologia da Geografia, servindo para exercitar no indivíduo a liberdade do conhecimento crítico através de observações externas e relacionando com a nossa própria sociedade, como o exemplo de obra e temática exposto neste texto. Mesmo depois de mais de duzentos anos, Jane Austen se faz uma escritora atual, onde podemos comparar e refletir com suas tramas e consequentemente questionar a nossa própria realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. Marcella Furtado. São Paulo: LANMARK, 2018. [1813].

CABRAL, Camila Silva; PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. **Entre a luz e a escuridão**: considerações sobre o Iluminismo e a instrução das mulheres. Revista Espaço Acadêmico - n. 200 - Rio de Janeiro, 2018.

CAMPOI, Isabela Candeloro. **O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta**: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. História (São Paulo) v.30, n.2, p. 196-213, 2011.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de geografia**. Revista Signos Geográficos: Boletim NEPEG de Ensino de Geografia. Goiânia, n. 1, 2019.

CORREIA, Jusselir Fatima. **A figura feminina e o casamento em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**. 2018. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras / Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

DIAS, Nara Luiza do Amaral. **A Razão em Jane Austen**: classe, gênero e casamento em *Pride and Prejudice*. USP: São paulo, 2015.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. **As possibilidades entre literatura e geografia**. XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Maio de 2012.

ZARDINI, Adriana Sales. **O universo feminino nas obras de Jane Austen**. Em Tese. Belo Horizonte, v. 17, n. 2, 2011.